

CORREIO PAULISTANO.

O CORREIO PAULISTANO, folha diaria, é essencialmente dedicada aos melhoramentos da provincia de S. Paulo.

Os artigos de interesse geral terão inserção gratuita, e os de interesse particular, competentemente responsabilizados, hóm como os annuncios, pagão o que se convencionar, sendo o pagamento igualmente adiantado.

N.º avulso 200 réis.

DIRECTOR DA REDACÇÃO

E PROPRIETARIO DO ESTABELECIMENTO

J. R. de Azevedo Marques.

COLLABORADORES

DIVERSOS.

Subscreve-se no escriptorio da typographia IMPARCIAL, rua do Ouvidor n.º 46, para a capital o 12.000 réis por anno, e 6.000 réis por semestre, e para fóra a 15.000 réis por anno.

A assignatura póde começar em qualquer dia, mas acaba sempre em fim de Junho e Dezembro.

Pagamento adiantado.

As correspondencias e communicados serão dirigidos em carta fechada ao director da redacção.

CORREIO PAULISTANO.

S. PAULO 21 DE SETEMBRO DE 1859.

Com prazertemos de annunciar aos nossos leitores que o pouco ou nem um enthusiasmo que demonstrou-se nesta capital por occasião do anniversario da nossa independencia não foi geral na provincia: ainda bem.

Consta nos que na cidade de Itapetininga, alem dos festejos officiaes do costume, o Rvdm. sr. José Joaquim de Almeida, digno Vigario daquella cidade iniciou a idéa humanitaria de uma sociedade com o titulo de—Amor aos morpheticos—com o fim de socorrer a esses desgraçados. O digno Parocho sahio pessoalmente a pedir assignaturas para uma tão pia sociedade, e nesse mesmo dia conseguiu não pequeno numero de socios, sendo muito de crer que esse numero logo avulte.

O procedimento do Rvdm. sr. padre Almeida é credor de todos os elogios; oxalá seja elle coadjuvado por todos os habitantes do florescente municipio de Itapetininga, que estamos certos não desconhecerao quanto é util e meritoria a obra do seu digno Parocho, principalmente nesta epocha de descrença em que poucos se importão com o bem estar de seus semelhantes.

FOLHETIM.

A DONZELLA ALLEMÃ

OU
OS OLHOS DE MINHA TIA
POR

Eugenio Scribe.

TERCEIRA PARTE.

(Continuação do n. 1030).

L.

A VOLTA DO CASTELLO.

Oswaldo não podia voltar para Donnersberg sem ir a Vienna agradecer ao imperador e a seu amigo Staremberg. Na occasião em que estava no palacio deste, sahiam dous moços; não reconheceram Oswaldo, tão mudado estava no decurso de alguns dias, mas Oswaldo reconheceu-os perfeitamente: erão Ulrich, e Otto.

—O que os trazia a vossa casa? perguntou elle a Staremberg; lembranças do amizade?

—Não. Otto, que quer um lugar de conselheiro aulico, pede-me para offerecer ao imperador um ditbyrambo que acaba de compor por occasião da sua subida ao throno. E' soberbo de poesia e de inspiração.

Amanhã 22 do corrente terá lugar o ultimo espectáculo de phisica e prestidigitacão do sr. Julio dos Santos Pereira, com novos e variados trabalhos. O espectáculo é em beneficio do mesmo sr. Julio,

COMMUNICADO.



S. PAULO.

Consta-nos que a camara municipal, depois de haver parecido que attendia ao clamor publico sobre as dadas de terrenos da municipalidade que são logradouros publicos, acaba de conceder datas no Campo Redondo.

Tal ha sido a sofreguidão de dar terrenos que não ha mais onde tomar ar livre. O Braz está obstruido, o Campo Redondo acaba de ser dividido, e já na Luz se fizeram concessões de algumas datas.

E qual a utilidade? nem uma. Os terrenos obtidos pelos pobres são logo cedidos aos ricos, unicos que podem fechar-os, e assim sobre os pobres é que virão pozar os allugueres das nossas propriedades, como já pagam por ahí além.

Não ha pois utilidade em taes concessões de datas, que necessidade alguma do municipio justifica; porque nem houve grande incremento de população, nem escaparam os terrenos possuilos. Ahí está a cidade nova com seus muros para provar que não ha necessidade de mais edificações.

Por outro lado, á dividir-se o Campo Redondo, que era o unico que nos restava, e a dar-se todo o da Luz, onde iremos tomar ar livre, e onde encostaremos uma vacca de leite, e mais que tudo estes animaes de carroças que não se póde ter de estribaria, sob pena de augmentar o preço d'esse meio de condução de um modo, que

—Ello, patriota o republicano! como pode elle achar versos para tal assumpto?

—Os poetas os republicanos acham-os para todos; mesmo para os imperadores.

—Mas Ulrich? elle que escrevia em prosa!

—E' o mesmo, em outro genero, tambem arrebata.

—Que!

—Um lugar na magistratura; não fazendo nada como advogado, abandona os pleiteantes polos requerentes.

—De sorte que corre grande risco de dar queixa contra nossos antigos camaradas da opposição, si lhe cabir algum nas unhas.

—A justiça traz uma venda e não conhece a ninguem. Mas como vós, meu amigo, ainda estais na Europa, vós que annunciastes-me vossa proxima partida para Nova-York?

Oswaldo contou-lhe então seus novos infortúnios, que encarava com o fogo de imaginação que lhe era costumeiro.

Staremberg foyvio-o com frieza, e disse-lhe:

—Por que renunciaes tão depressa toda esperanza? será sempre tempo de realisar-se alguma.

Todos os dias, em materias de naufragios, sabe-se que tal ou tal passageiro foi milagrosamente salvo. Quem vos diz que Thereza e seu marido fossem a bordo do «Niagara?»

á todos que d'elles se aproveitam, custará á pagar?

Dizia-se que s. ex. o sr. vice-presidente havia tido uma conferencia sobre isto com o presidente da camara municipal, e que haviam accordado em que se substrevessam as concessões de terrenos.

E agora pelo q' seguiu-se semelhante accordo não existio ou revogou-se por motivo que ignoramos, e cuja importancia escapa a nossa penetração.

Em todo o caso ahí ficam os clamores, a lei das terras e o respectivo regulamento apoiando accordes estas justas reclamações.

Assim houvesse quem os attendesse.



Correspondencia do «Correio».

ITAPETENINGA 7 de Setembro de 1859.

Ainda bem que a corrupção da épnea não tem apagado de todo os sentimentos nobres dos corações brasileiros; ainda bem que o dia 7 de Setembro ainda é celebrado com algum enthusiasmo; ainda bem que a lembrança de nossa emancipação politica desperta ainda no povo o dia triumphante em que raioi sua liberdade. Por todas as partes se cantão hymnos a essa bem dita filha do Céu, por todas as partes se ouvem hosanas festivos, por todas as partes o regozijo sobe ao grão do enthusiasmo.

Assim deve ser, quando a memoria nos reproduz os dias tenebrosos de nosso captiveiro, os soffrimentos de nossos antepassados governados por uma corte corrupta, despotica e ambiciosa, que visava só nosso ouro, nosso sangue, e nossa honra! Foi um tempo cheio de horrores em que só encontramos por toda parte forcas, pelourinhos, troncos e anginhos, e a requintada perversidade de seus agentes. A estúpida e a malvada vontade de seus generaes e capitães mo-

—Sua carta prova que embarcaram-se nelle.

—Não ha prova de que tivessem partido. Um successo imprevisto não poderia retardar ou impedir sua partida? Em todas as cidades onde temos consules, e temos um no Havre, os emigrantes allemães, que chegam, não podem sahir, os que são subditos austriacos pelos menos, sem autoridade do nosso consul. Deo a elle a Ludovico Cazali e a Thereza sua mulher? Informar-me-hei disso.

Oswaldo apertou o poseço do Staremberg. Um luzir de esperanza ja brilhava em seus olhos. E depois, continuou o amigo que queria a todo transe restituir a seu coração uma tranquillidade, que talvez elle mesmo não tivesse, esperai o resultado das indagações, que se fazem por todas as partes e que não podereis saber se não daqui a um mez ou deus.

Oswaldo, um pouco mais calmo, e depois de ter tomado todas as suas precauções para que chegassem-lhe noticias, si as houvesse, o mais breve possivel, poz-se em caminho para o castello de Donnersberg, todos os seus amigos o esperavam com impaciencia, o bom Godofredo principalmente, que tinha derramado lagrimas por sua morto, e que o via outra vez vivo.

O dr. Moench e o cura Bertholdo, os quaes sempre o tinham considerado como um filho, todos os seus vassallos e criados, que o amavam

res alimentada com todas as sortes de crimes, com todas as atrocidades.

São paginas essas de nossa historia salpicadas de sangue, derramado pelas mãos dos despotas. Longo espaço de tempo este gigante da America arrostou os ferros do captiveiro. Porém Deos o erianço não foi para que morresse no oprobrio, e na ignorancia. Assim pois, passada a época de sua privação, havia chegado o dia de suas glorias. O dia 7 de Setembro de 1822 quebrou os seus aviltantes grilhões, e hoje nós somos livres.

E' bem justo pois que nós, as gerações presentes nos congratulemos pela nossa sorte de já termos nascido debaixo d'um Céu livre.

Seja sempre este dia, o maior dia do Brasil; celebremos sempre abraçados no fogo d'um entusiasmo santo.

Entre nós não foi deslebrado o aniversario d'um dia memoravel. Fizemos tanto quanto cabia em nossas forças. Depois d'um solenne Te-Deum a que assistio, a officialidade da guarda nacional houverão os competentes vivas e trez descargas. A noite foi offerecido á população por alguns patriotas um grande baile, onde primou a ordem e o bom gosto.

Precedou a tudo o nosso alegre hymno; e em seguida foi recitada uma bella e patriótica poesia pelo illustrado sr. dr. Luiz Alves da Cruz que foi muito aplaudido e respondido pelo hymno nacional. Correu tudo em fim muito bem.

Não posso deixar de commemorar uma sociedade que em memoria a este grande dia foi fundada com geral aplauso que faz honra ao caracter deste povo. Amante das idéas beneficentes, cheio de comiserção, pelo infortunio, e pela desgraça não posso ser indifferente a um pensamento tão eminentemente christão que surgiu entre nós. Existem alguns morpheticos nos arredores desta cidade faltos inteiramente de todos os recursos, reduzidos a ultima miseria. Uns achão-se já tão disformes, carcomidos de tal maneira por essa tão horrivel enfermidade que com difficuldade se arrastão pelas nossas ruas a mendigarem um pedaço de pão. Avista de tão desolador espectáculo o muito digno vigario teve a idéa de assegurar-lhes uma mensalidade. com esse intuito, em nome desses desgraçados, sahio elle a convidar algumas pessoas para em sociedade concorrermos para esse fim tão caridoso. E como todo coração brasileiro é dotado de compaixão, e de todos os sentimentos nobres, foi acolhido esse bello pensamento do digno parochio e fundou-se uma—*Sociedade amor aos morpheticos*. — Algumas pessoas tem se alistado esponsaneamente, conta já 27 socios. E temos bastante fé que ella breve se tornará maior. Em nome d'esses nossos infelizes irmãos nesta occasião convido a todos que quizerem pertencer a esta philantropica sociedade, e agradeço por elles no fundo de meu coração desde já aos que se achão alistados. Já que não podemos livra-los do desprezo geral da sociedade, de suas dores, de suas intimas agonias, livremol-os ao menos da fome e da nudez, que Deos abençoará nossa obra.

Quantos não morrem a mingoa ahí pelas es-

tradas debaixo d'uma arvore, ou d'uma ponte sem quem se lhes dê uma gotta d'agua para mitigar sua sede!

Tortura-nos o coração o cumulo de tamanha desgraça, e ao mesmo tempo nos revolta o indifferentismo do governo para com esses desgraçados, elle que esbanja muitas vezes os dinheiros publicos a favor d'alguns felizes do mundo, e é surdo aos gritos d'esses miseros. Já que elle os despreza, não os despresemos nós. Levemos algum alivio as suas dores. Cumpramos com nosso dever de irmãos que faremos alguma coisa em seu favor.

(Carta particular.)

Correspondencias.

Illm. sr. redactor. — Lemos no n. 150 do *Publicador Paulistano* uma declaração assignada por alguns prejudicados em que se procura fazer acreditar ao publico que uma sorte de terras por mim comprada no termo de Itapóva da Faxina não pertencia ao individuo que m'a vendeu, e sim a Luiz Antonio Leite, Ignacio Ferreira, e Antonio Francisco de Oliveira. Felizmente existem em nosso poder, primeiro a escriptura de venda feita pelos primeiros possuidores dos terrenos em questão Manoel Pedrozo de Oliveira, e Maria de Nazareth, que em 1º de Setembro de 1852 passaram a João da Silva Leite como comprador dos mesmos terrenos, acompanhada do competente bilhete de siza; segundo, a escriptura de venda dos ditos terrenos á nós passada por João da Silva Leite, e sua mulher Luiza Maria da Fonseca, acompanhada tambem do bilhete de siza; 3º um termo de conciliação feito no juizo de paz da Faxina no qual é reconhecido por um vizinho intruzo o direito que tinha João da Silva Leite, e sobre as terras que posteriormente adquirimos.

Fundando-nos em tão valiozos documentos, e informados que aquelles que nos pretendem disputar o dominio das terras que adquirimos não tem titulo algum que justifique sua ousada pretensão, havendo apenas se introduzido a dois annos em terras que por modo algum lhe podem pertencer, estamos dispostos a sustentar o nosso direito com todos os meios legais, desprezando os protestos banaes que se fazem debaixo do anonimato contra um acto que tão licitamente praticamos.

Sem receio pois trataremos de occupar os terrenos que nos pertencem, promptos sempre a responder perante os tribunaes do paiz por nossos actos, e ahí discutirmos os nossos direitos. Para lá emprazamos os que se denominam prejudicados e que não passam de ambiciosos.

Queluz 29 de agosto de 1859.

Antonio de Araujo Novaes.

Sr. Redactor. — Aproxima-se a época do corpo eleitoral mostrar pelo resultado das urnas quaes sejam os seus escolhidos para representa-

—Gretly! minha querida Gretly! é a ti que ainda vejo?

—Sim, meu senhor. Ha um anno, escrevestes mo que voltasse: deixei tudo, corri, e quando cheguei, tinheis partido.

—E ficaste?

—Pensando sempre que voltariéis.

—E quando annunciaram-te minha morte?

—Que quereis! era absurdo! mas eu ainda esperava! Por mais que me repetissem todos: está morto, não verás mais teu amo, eu, apesar de tudo, dizia comigo: hei do vel-o outra vez.

—Sim, sim, exclamou Oswaldo, ha milagres destes, nos quaes acredita-se firmemente, o que realisam-se sonhos impossiveis que cumprem-se... não? não? Repete-me. Preciso de tua resposta!

—Sim, meu amo! Eis aqui a prova, pois que vos vejo.

No dia seguinte Godofredo já queria fallar a Oswaldo em seus negocios, que florescentes no anno passado, achavam-se, por sua inexperencia e profusões, em um estado deploravel. Oswaldo não quiz ouvir nada, precisava, dizia elle de descanso, de passeios, de ar livre, e a primeira coisa que fez, foi fechar-se no gabinete de Thecla e lêr outra vez suas cartas. Parecia-lhe, ao lê-las, ouvir Thereza; eram, como elle mesmo lhe havia dicto, sua bondade e sua graça;

rem os seus interesses, o como a confusão, o da intriga, e tudo quanto o systema de cabala pôde suggerir, vem muitas vezes perturbar o processo eleitoral, tomamos a resolução de pelo seu conceituado jornal offerecer alguns nomes que segundo o pensar de muita gente sensata do norte da provincia são aquelles que mais sympathias e conceito reunem.

São todos cidadãos conhecidos, e muitos d'elles já tem prestado optimos serviços ao paiz; assim pois como amigo da nossa bella provincia, faltariamos a um indeclinavel dever se não offerecessemos estes nomes ao corpo eleitoral, que conscio de sua nobre missão, não se curvará ante os empenhos da cabala e sómente attendará que o bem de um paiz representativo emana de sua representação, e que esta toda se acha no bom e feliz resultado das urnas.

Os nomes que offerecemos são os seguintes:

2º Circulo.

Dr. Antonio Gonçalves Barboza da Cunha.

Coronel Marcellino José de Carvalho.

Dr. Joaquim Lopes Chaves.

Tenente-coronel Manoel Jacyntho Domingues de Castro.

Supplentes.

Dr. Francisco de Paula Toledo.

Dr. Januario José da Silva.

3º Circulo.

Commendador Antonio Moreira da Costa Guimarães.

Advogado Manoel Enfrazio de Toledo.

Dr. Flaminio Antonio do Nascimento Leal.

Dr. Francisco Ribeiro d'Escobar.

Supplentes.

Dr. Manoel Marcondes de Moura e Costa.

Padre Antonio Luiz dos Reis França.

4º Circulo.

Dr. Luiz Dias Novaes.

Dr. José Joaquim Cardozo de Mello.

Dr. Martim Francisco Ribeiro de Andrada.

Pedro Ramos Nogueira.

Supplentes.

Conego Antonio José Pinto d'Oliveira.

Padre Manoel Theotônio de Castro.

5º Circulo.

Dr. Joaquim Octavio Nebias.

Dr. João Ignacio Silveira da Motta.

Dr. José Bonifacio d'Andrada e Silva.

Dr. João Guilherme d'Aguiar Witaker.

Supplentes.

José Porfirio de Lima.

Antonio Luiz Pereira da Cunha.

Um velho paulista

VARIEDADE.

Tradicções populares de Minas e S. Paulo.

Respeitavel leitor, venerando critico da tabarrugada e olhar inspirado, não vos revolta-

só faltava a voz o sorriso. Quanto a letra, pouco que a semelhança fosse grande, hesitava em pronunciar-se, tanto receio tinha elle de tocarem seus desejos pela realidade.

Sabia muito pensativo do gabinete de Thereza e atravessava o quarto que fóra outrora seu quarto de dormir. Da janella deste quarto gozava-se do mais bello ponto de vista, descobria-se ao longe um horisonte immenso e em baixo do parapeito da janella rolavam em uma immensa profundidade as ondas rugidoras de ambos os braços do Moldaw.

Uma mulher estava encostada na parede da janella, mergulhada em suas reflexões, contemplando com mais attenção do que susto o horivel sorvedouro entre aberto a seus olhos. As ondas que chegavam em turbilhões eram tão rapidas neste lugar, q' nem um objecto podia ficar em sua superficie sem ser logo arrastado e tragado para não apparecer mais.

A vista deste vestido branco, desta moça debruçada sobre a corrente, e cujas feições elle via, Oswaldo estremeceu... Era uma visão! Correo. A moça voltou-se; era Gretly. O ruido das ondas ou a idéa de que estava preocupada fez com que não ouvisse os passos de seu amo corou vendo-o; seu semblante estava inundado de lagrimas.

Continua.

contra as historias populares que vou começar a escrever. São crenças erroneas e muitas vezes comicas as do povo, mas nem por isso destituidas de interesse; recream a imaginação, acalmam por vezes os cuidados do espirito e são para muitos uma recordação doce do passado.

Talvez mesmo para vós tragam ellas alguma associação de idéas agradável; pode acontecer que ao lerdes alguma dellas vos appareça o tecto em que nascesteis com as bellas côres de que a saudade collure o passado: junto a vossa cama está uma velha, e ao pé della a vossa ama de leite, cronica viva das tradições, que vos emballa o innocente somno com alguma das historias que ali reproduzo—talvez que vossa imaginação vos pinte isso, e talvez que sintaes uma alegria indefinivel em volver na memoria as bellas paginas da vida em que o homem crê em todas as superstições e phantasias do povo. Se assim for não digas ao lêr o meu artigo—*que pachorra!* por que todos nós temos nossas horas do descanso, e foi nellas que eu o escrevi; se assim não for virai a folha do jornal e lido os annuncios, porque sem mais prologos vos declaro que a primeira lenda que escrevo é a do

Sáci Sererê.

Nunca ouviste no meio da noite silenciosa, e sobre tudo das noutes de luar, um canto melancolico, que vem como um êcho perdido da solidão? É um passaro pardacento que o entoa; procura elle ordinariamente os lugares mais silenciosos, os paús por onde não passam seres humanos, para habitar. Em seu canto simples ouvem-se duas sillabas distinctamente pronunciadas, e são *sacy*. Quando elle pretende cantar procura uma arvore desfolhada e secca, e nesta assenta-se sempre no galho mais elevado, encorruja as pennas, eleva um pouco o bico para o ar como se seu canto fosse uma supplica ao eterno. Raras vezes se o avista, pois que elle é selvagem, e foge ao menor barulho. As tradições de nosso povo fazem delle um ser mysterioso. Dizem que é um diabo que vive pelo mundo e cujos costumes são mais ou menos os seguintes:

O *Sacy* ninguem o imagino um diabo feio, algum monstrengo; é verdade q'ello tem os pés bifurcados, e o tradicional cheiro de enchofre; mas fóra disso é um capetinha esperto e engracado, que passa por diversas fórmis. A imagem que elle mais estima é a de negrinho, vestido de carapuça e roupa vermelha segundo me informou uma velha, a quem elle havia feito algumas graçollas. O *Sacy* habita de preferencia as furnas das serras, os buracos profundos, as minas abandonadas, e algumas vezes as casas desertas. Muito gosta elle de passear pelas noutes de luar, e os lugares que mais frequenta são as enruzilhadas das estradas, e as porteiras, para mais ao seu gosto fazer suas tropellias aos viajantes.

«Um dia, disse-me um velho fidedigno, eu ia viajando para o meu sitio, quando o meu cavallo estacou derrepente diante de uma porteira velha; era noute de luar, e diante da porteira descia uma grande serra. Fitei a vista e descobri o *Sacy* assentado em cima. Ferrei as esporas no cavallo, elle avançou refugando, e logo que passou a porteira precipitou-se pela serra a baixo com toda a furia: o que havia de fazer o maldito *Sacy*? Virou-se em barril meio cheio d'agua, e poz-se a rolar pelo morro a baixo fazendo um grande barulho, e quasi pega não pega o pobre do cavallo. Vi-mo zozzo, senhor, e se não fosse um rosario que eu trasia estava perdido.»

O *Sacy* é um diabo espirituoso e folgassão. Contou-me um caipira velho que aqui no alto da Cantareira mora um, bem no alto da serra, e em cima de uma lapa escaldada, diante da qual binguem deve passar a meia noute, sobre tudo em dia de sexta-feira, porque, quando menos se espera elle engarupa-se no cavallo da gente, e o cavallo fica furiboso, e desce a todo gallope a serra, e não para senão n'um corrigo que ha lá em baixo, porque o *Sacy* é inimigo da agua corrente.

Os tropeiros são inimigos declarados dos *Sacs* porque, dizem elles, quando os animaes apparecem muito desbarraigados no pasto é porque os taes diabos andaram de noute fazendo correrias sobre elles pelas varzeas.

Entre as diversas fórmis de que se reveste o *Sacy Sererê* ha a de fogueira. Muitas vezes vai-se andando por um caminho e avistam-se dous logos pequeninos como uma brasa, e vão-se suc-

cessivamente aumentando até que ficam do tamanho de duas grandes fogueiras, cujo clarão côr de phosforo, faz medo até aos padres.

Dizem que elle é grande amador do jogo e que as vezes se reveste da fórmis humana, do casaca e luneta ao lado, e que joga a larga, ganhando sempre.

Uma occasião estavam diversos jogadores em uma casa, quando por horas mortas bateram na porta; a dona da casa foi abril-a, e viram entrar um moço bem apessoado, que dizia, que como estava de viagem por aquellas paragens, e como soubesse que alli se jogava pedia aos donos da casa que lhe permittissem tomar um lugar na mesa para passar mais distraidamente a noute, o que lhe permittiram com toda cortesia. A dona da casa, que estava de parte, começou a reparar a phisionomia do desobhecido, e notou o seguinte; quando algum dos jogadores dizia *arre diabo!* o olhar do moço brilhava como dous diamantes, e quando algum ganhava e que dizia *louvado seja Deus!* o moço ficava palido como sêra. Jogaram por muito tempo; o desconhecido ria-se, contava anedoctas, e até tomava pitadas de tabaco, nos bocetas alheias, e todos estavam gostando daquelle moço tão alegre. Lá pela volta das 3 horas da madrugada succedeu que cahindo umas cartas do baralho no chão, a dona da casa, que era uma devota mulhar tomou uma das vellas para procural-as, mas quando alumiou debaixo da mesa deu um grito, de esconjuro porque tinha visto que o pé do moço era como pé de cabra. Logo que ella esconjurou o sujeito desapareceu, ficando sobre a casa um grande fedido de enchofre, alumiamam então o assoalho e virão que haviam ficado sobre elle uns signaes queimados, pelo que abandonaram a casa, e nunca mais jogaram.

O *Sacy Sererê*, frequenta muito as varzeas, e sobre tudo nessas noutes calmas e claras em que os nevoeiros e brumas assentam pelo fundo dos valles, como um mar em calmaria. diverte-se elle então em trançar as crinas dos animaes, e fazel-os correr ao longo dos paúes. Contou-me um velho tropeiro o seguinte:—«uma occasião eu estava pouzado em... e seguia viagem para as bandas da serra do mar; acordei, havia ser meia noute; e estava um luar que parecia dia. Levantei-me e assentei de seguir viagem mesmo de noute para evitar o calor do sol. Meus animaes estavam n'uma varzea coberta de garoa. Logo que sahi avistei mal e mal os dois animaes; andei, andei muito e os animaes sempre adiante de mim, sem nunca eu os poder pegar; afinal já cansado de tanto andar gritei—*arre diabo!* Nisto ouvi uma gargalhada atraz de mim voltei-me e vi o *coisa ruim* que vinha vindo de pernas para o ar, e com a lingua de fóra; o que lingua! parecia uma espada de fogo, e os olhos alumiamavam como brasa se não fosse a Virgem Maria quem sabe onde eu estaria agora?»

Houve uma velha para os lados de Minas que descobriu o meio de prender o *Sacy*, passou-se o caso do modo seguinte:—Essa velha já era senhora de seus 90 annos para mais. Tinha duas filhas, já não tinha marido, o morava na beira da estrada, e dava pouso aos viajantes; erão suas filhas honestas, pelo que se expantou muito a velha de ver um dia sahir pela janella, e de madrugada, um mucinho; callou-se a velha e espreitou na noute seguinte, e náda... Passou-se uma semana, e quando foi dia de sexta-feira, vio sahir o mesmo sujeito, o notou que elle só tinha uma perna: foi immediatamente ao quarto de suas filhas, acordou-as, interrogou-lhes pelo sujeito, e ellas cheias de admiração protestaram contra as arguições de sua mãe. A velha parou no meio da sala, assuou o nariz; tomou uma pitada de tabaco, e depois de haver reflectido por algum tempo, disse com ar de mysterio:—macacos me mordam se aqui não andam artes do *Sacy*. Com effeito no dia seguinte fôe a velha observar o vio o rastinho do cobra que seguia pela estrada fóra. Bem; deixou passar a semana, e quando foi na sexta-feira seguinte, passou a espreitar debaixo da janella, armada com um cabo de vassoura, e resando no seu rosario. Quando foi de madrugada saltou o *Sacy*, e a velha deu-lhe uma forte bordoadada; o *Sacy* deu uma grande risada, tomou o pão, e agarrou na velha pelo nariz, ia suspendel-a pelos ares: em taes assados a velha não tendo com que dar-lhe valeu-se do rosario, e já estava dous palmos acima da terra quando laçou o *Sacy* pelo pescoço; logo que este sentio o rosario cahio

de joelhos diante da velha, dizendo-lhe que era seu captivo.

A velha prendeu-o dentro de uma garrafa, porque o *Sacy* cresce e diminue segundo a sua vontade. Nesse estado teve-o por muito tempo até que o seu confessor mandou que soltasse, dizendo-lhe que não era prudente ter o inimigo tão perto da cabeceira; a velha soltou, mas antes de o fazer mergulhou a garrafa em agua benta, com que o *Sacy* muito soffreu.

Esta tradição é quasi igual a uma dos Escandinavos, em que Odim apaixonou-se pela filha de uma velha, é igualmente preso por ella com a differença que, em vez de ser preso com um rosario é-o com palavras magicas.

O *Sacy* apaixonou-se as vezes pelas bellezas terrestres, e ha, diz ainda o povo, algumas moças que com elle tem vivido. O resultado desta união é o meçar a comença a ficar muito triste e pallida, até que a final morre, é o que prova esta quadrinha de canto popular:

Menina, minha menina,
Quem vos fez tão triste assim,
De certo que foi o *Sacy*
Que te deu uma boquinha.

Os amores do *Sacy*
Trazem a morte a seu bem;
Resai a Nossa Senhora
Que te livre do mal amem.

Por esta altura do artigo mais ou menos o leitor faz uma pausa e diz:—A fé! tudo isto são petas.

Eu que já estou cansado de escrever digo-lhe de passagem: que meta-se um dia a viajar pelos nossos centros, alta noute, deserto quasi infinito, luar claro, corujas a cantarem, morcegos a vearem-lhe em torno da cabeça tão silenciosos como os mãos pensamentos; e então me dirá se o negocio cheira ou não a phosforo.

Adeos querido leitor, ou leitora; até a proxima tarde em que me der a pachorra, ou spleen escreverei se for do vosso agrado a historia dos Lobishomens, Surupira, e quejandos.

C.

ANNUNCIOS.

No dia 12 do corrente fugio a Luiz Nobrega de Lima, conhecido por Luiz Téco, morador no districto de S. Bernardo, um escravo de nação cabinda, de nome Job, idade 24 a 30 annos, bem preto, alto, corpo grosso, pouca barba, e em principio, bons dentes, é trabalhador de roça.

Levou uma calça azul, e tres camizas, sendo una de riscado. Quem o pegar e levar a seu senhor, acima, ou prendel-o, e der noticias certas receberá uma boa gratificação. (1—3)

O DR. THOMAZ ALVES JUNIOR—1.º Promotor publico da côrte, advoga perante o tribunal da relação, e do commercio, em causas civeis e commerciaes—para o que pode ser procurado em seu escriptorio na rua Direita n. 49 (1=4)

O DR. THOMAZ ALVES JUNIOR tendo vindo a S. Paulo afim de liquidar a casa do seu finado sogro o dr. João Thomaz de Mello, conseguiu fazer essa liquidação, e retirando-se para a côrte, não só agradece aos seus amigos a coadjuvação que lhe prestarão, como offerece-lhes o seu limitado prestimo n'aquella capital do Imperio onde reside. Sem embargo dos seus esforços pode acontecer que algum dos credores de seu finado sogro não fosse attendido, a esses pede que tenham a bondade de apresentar as suas contas, dirigindo-as á sua residencia no Rio de Janeiro rua Direita n. 49.

PRECIZA-SE com urgencia de uma preta, que saiba cozinhar, e fazer o mais serviço de uma casa de pequena familia: quem a quizer alugar dirija-se á rua do Rozario n.º 4. [3=6]

